

ONDE MAIS TE VÊS É LÁ QUE MAIS TE DIZ: UM ESTUDO DO NARRADOR EM OS PAPÉIS DO INGLÊS, DE RUY DUARTE DE CARVALHO, E NOVE NOITES, DE BERNARDO CARVALHO

Juliana Campos Alvernaz

Orientadora: Anita Martins Rodrigues de Moraes

Teses ou dissertações recentes

RESUMO: Pretende-se, neste artigo, trazer um resumo de minha dissertação de mestrado, defendida em março de 2018, na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação da professora Anita Martins Rodrigues de Moraes. A partir de uma moldura de análise comparatista que considera as relações Sul-Sul, este trabalho busca analisar a obra *Os papéis do inglês* – primeiro volume da trilogia *Os filhos de Próspero*, composta também por *As paisagens propícias* e *A terceira metade* – do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, em comparação com o romance *Nove noites*, do brasileiro Bernardo Carvalho. Os dois romances constroem-se por mecanismos literários semelhantes que instauram encenações da escrita e boicotes da dimensão referencial por meio de três vieses: autoficção, elementos de etnografia e paródia do romance policial. Isto posto, será analisada a configuração do narrador nas obras, considerando sua plasticidade e deslocamentos entre o narrador-autor, o narrador-etnográfico e o narrador-detetive. A ênfase da pesquisa, portanto, está na comparação dos narradores das obras e nas estratégias de composição narrativa, as quais se tornam relevantes não só para pensar aspectos estéticos, mas também para refletir sobre as representações do “Eu” e do “Outro” que atravessam as duas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Ruy Duarte de Carvalho, Bernardo Carvalho, narrador, autoficção, etnografia.

“Uma ficção hesitante que, informada pela antropologia, preza o princípio de que ‘mais que o achado vale sempre a busca’.” Bernardo Carvalho

Alfredo Cesar Melo (2012), em um artigo que assume forma de convite para um comparativismo do pobre, faz uma crítica ao pensamento binário, recorrente nas análises

literárias que consideram apenas as relações Brasil / Europa; periferia / centro ou ex-colônia / ex-metrópole. Sabemos que tal comparação tem relevância para os estudos literários, porém, na esteira de Alfredo Cesar Melo, sugerimos que a construção e o percurso do conhecimento literário não seja feito somente do centro para a periferia, mas que haja um desvio desse paradigma tradicional, desenvolvendo-se um olhar das margens pelas margens. Para tanto, Alfredo Cesar Melo propõe duas molduras de análise. A primeira consiste na moldura da *coaparição*, a qual enxerga pontos convergentes entre as culturas do Sul, comparando autores que “se ignoram em razão da própria dinâmica da divisão internacional de conhecimento” (MELO, 2013, p. 12)¹, isto é, autores e obras que, apesar de não travarem relações de contato e influência, apresentam traços muito semelhantes. Já a segunda moldura propõe que o Brasil esteja situado numa zona que Boaventura de Sousa Santos chama de *interidentidade*², a qual sugere que Portugal transita entre a posição de colonizador (Próspero) e de colonizado (Caliban). Assim, Melo afirma que o Brasil também assume essa *interidentidade*, visto que é considerado dependente cultural dos países europeus, mas, ao mesmo tempo, exerce uma relação de poder com outros países periféricos, como os países africanos de língua oficial portuguesa. Além disso, essa moldura pondera sobre a migração de nossas obras para outros espaços, como ocorreu com a leitura da obra de Gilberto Freyre pelo movimento da revista *Claridade*, em Cabo Verde.

A moldura que se mostrou especialmente útil no desenvolvimento da pesquisa foi a segunda, chamada de *interidentitária*, na qual a literatura brasileira se apresenta como referência para alguns países africanos de língua oficial portuguesa. No entanto, consideramos, aqui, a subversão dessa moldura ao compararmos os romances *Nove noites* (2002), do escritor e jornalista brasileiro Bernardo Carvalho, e *Os papéis do inglês* (2000) – primeiro volume da trilogia *Os filhos de Próspero* –, do escritor, antropólogo e cineasta angolano Ruy Duarte de Carvalho. Isso porque partimos de um movimento inverso: o processo de migração de obras dos países africanos, neste caso, Angola, para o Brasil. A moldura de análise comparativista do pobre sugerida por Melo consistiu, portanto, em uma justificativa propulsora da pesquisa, bem com um fio condutor do trajeto investigativo.

¹ Ao falar da “divisão internacional do conhecimento”, Melo se refere ao paradigma de estudos centro-periferia, em que seria inaceitável países periféricos não estudarem os pensadores ocidentais (centro), ao passo que o contrário e, até mesmo estudo periferia-periferia, é considerado normal.

²SANTOS, Boaventura de Sousa. “Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade”. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 66, Julho 2003.

Para exemplificação dessa que seria uma espécie de moldura “interidentitária inversa”, buscou-se analisar, na dissertação, a configuração do narrador em duas obras do Sul Global – Brasil e Angola. Além de podermos notar aspectos bastante similares entre *Os papéis do Inglês* e *Nove Noites*, é interessante lembrar que o escritor brasileiro escreveu uma resenha sobre *Os papéis do inglês*, intitulada “Ficção hesitante” (*Folha de São Paulo*, 2001), na qual elenca algumas características do romance de Ruy Duarte de Carvalho. Pouco tempo depois, em 2002, Bernardo Carvalho lança o romance *Nove noites* com a presença de muitas das características abordadas na resenha.

Vemos, a partir dessas obras, que os estudos da moldura “interidentitária” de análise podem ser produtivos e precisam de devida atenção. Tantos aspectos similares – como a busca pela razão do suicídio de um antropólogo, a narrativa que se constrói aos olhos do leitor e o narrador em primeira pessoa – permitem um vasto estudo comparativo desses dois romances. Sugerimos aqui, dessa forma, que nos atentemos para outras comparações de movimento Sul de África e Sul da América, para refletir, além do passado colonial comum, as estratégias de composição da narrativa, bem como identificar o espaço geográfico do “Outro”, como diz Ruy Duarte de Carvalho (2008a), enquanto ele ainda existe. Sobre essa forma gráfica de delimitar o outro, torna-se relevante consultar o artigo “Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o ‘outro’ existe, antes que haja só o outro... ou pré- manifesto neo-animista” (2008a), em que Ruy Duarte de Carvalho define três diferentes tipos de OUTROS. O primeiro é o *OUTRO*, em itálico, que remete à ex-metrópole, aos descendentes de ex-colonizados e fazem parte as populações nacionais dessas ex-metrópoles. Por causa do fenótipo e da cultura, distinguem-se da massa dominante. A segunda definição é o ‘outro’, entre apóstrofos, pertencente ao grupo do ex-colonizado ocidentalizado, com o qual o Ocidente lida nas ex-colônias. Por último, há o “Outro”, entre aspas, propriamente dito. Este integra o grupo que mantêm usos, práticas e comportamentos pouco ocidentalizados, isto é, eles não estão inseridos no modo de vida ocidental. Esse último grupo, o “Outro”, é o que desperta o interesse do escritor, dentre outras coisas, por ser alvo de pressão ocidentalizante. Essa grafia foi a adotada no decorrer da dissertação, e no presente texto, para designar o “Outro” presente nas narrativas escolhidas: os pastores Kuvale e os índios Krahô e Trumai.

O estudo comparado aqui proposto está interessado, principalmente, na configuração do narrador, pensando em como se desdobra em procedimentos literários presentes em ambos os romances, dos quais se destacam: o narrador protagonista da autoficção, o narrador-

etnográfico e o narrador detetive. Sendo assim, a presente dissertação se apoia na moldura de análise comparatista “interidentitária” (no caso, inversa) para investigar a configuração do narrador nos romances *Os papéis do inglês* e *Nove noites*, debruçando-se sobre a relação do narrador com o “Outro” e investigando de que forma essa relação pode impactar a escrita, em particular a escrita literária. É importante frisar que nesta pesquisa adotamos o termo autor-narrador-personagem, não para apreender os próprios Bernardo Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho, pessoas empíricas, mas porque os narradores das obras, além de serem personagens, também são criadores de uma narrativa, visto que reorganizam e inventam eventos que compõem a história de Buell Quain e de Archibald Perkins. Sendo assim, o trajeto da pesquisa se dividiu em três partes – concretizados nos capítulos da dissertação – que tentam abarcar essas discussões, são elas: o estudo da escrita de si, dos pressupostos de uma etnografia na literatura e da intertextualidade por subversão do romance policial nas obras selecionadas.

No romance *Os papéis do inglês*, o narrador-personagem – que se reconhece como o próprio Ruy Duarte de Carvalho (CARVALHO, R., 2007, p. 36) – faz uma viagem em busca de uns papéis que poderiam explicar o surto de um caçador de elefantes chamado Perkins, ocorrido em 1923 na beira do rio Kwando, em Angola. Durante o surto, Perkins mata tudo ao redor e a si mesmo. O autor parte da crônica de Henrique Galvão “O branco que odiava as brancas” (1929), a qual relata, de maneira sucinta, a ira do Sr. Perkins e a justifica pelo ódio que o protagonista possuía pelas mulheres brancas. Segundo o narrador de *Os papéis do inglês*, a história de Henrique Galvão possuiria carência de detalhes, por isso ele acrescenta elementos ficcionais à crônica. O autor cria, assim, uma nova “roupagem” para o Sr. Perkins, o qual, na sua trama, chama-se Archibald Perkins, e o identifica como antropólogo londrino antes de se tornar caçador de elefantes. Dessa maneira, o romance apresenta dois planos narrativos: o primeiro consiste nos relatos de viagem do narrador-personagem à procura dos papéis do inglês e o desencadeamento da criação da história do Perkins; já o segundo plano seria esta história, ou seja, a história do inglês Archibald Perkins. Além dos dois planos, podemos visualizar três temporalidades diferentes diluídas na narrativa: 1) o tempo da viagem do narrador, aproximadamente um ano; 2) o tempo de escrita dos fragmentos do que poderiam ser de um diário, no caso, dez dias.; 3) o tempo da história do Perkins, 1923 (MORAES, 2009, p.189).

Nove noites, de forma similar, traz um protagonista antropólogo que se suicida em território indígena no Tocantins, área dos índios Krahô, em 1939. Trata-se da busca do autor-narrador pela reconstrução da história de Buell Quain, etnólogo americano que veio para o Brasil estudar sociedades indígenas – inicialmente, os Karajás (CARVALHO B., 2006, p.14). O romance de Bernardo Carvalho é composto por fragmentos (em estilo itálico) de uma carta escrita, infere-se, pelo personagem Manoel Perna, e pela narração (em estilo normal) do narrador-personagem em busca das razões que levaram o jovem antropólogo a se suicidar. A composição da narrativa se dá por meio de dados tidos como reais provenientes de jornais e fotos que elucidam o narrador e, conseqüentemente, o leitor, acerca da morte de Buell Quain.

Com o respaldo da “meia-ficção”³ produzida pelos autores, a primeira parte da pesquisa, situada na dissertação no capítulo “Onde mais te vês...”, traz uma investigação do “eu-narrador”, pensando em aspectos literários próprios da autoficção. Essa parte da pesquisa consistiu em uma reflexão sobre o efeito de perturbação dos limites entre ficção e realidade, já que, na autoficção, o narrador em primeira pessoa apresenta sua narrativa a partir de – partindo de proposições de Flora Süssekind (1984) – lentes trincadas⁴. Refletindo sobre o narrador e também o leitor, este capítulo busca ainda apresentar um panorama teórico da autoficção, apoiando-se principalmente na noção de pacto, sugerida pelo autor francês Phelippe Lejeune (2008), indicando que este gênero demanda um pacto ambíguo de leitura, como indica Anna Faedrich (2015) – pesquisadora que vem se debruçando sobre os estudos autoficcionais na literatura brasileira contemporânea. Nos romances pesquisados, notamos que a autoficção se apresenta, sobretudo, por meio de dois mecanismos literários: a imagem dupla, isto é, o reflexo de características do autor-narrador no personagem; e a encenação da escrita, estratégia narrativa na qual o autor-narrador exhibe o próprio processo de criação, chamado de *work in progress* por Diana Klinger (2012). Essa parte da pesquisa, portanto, teve como finalidade apresentar um estudo comparativo do autor-narrador-protagonista configurado nos parâmetros da escrita de si.

A segunda parte da pesquisa – inserida em um capítulo da dissertação chamado “É lá que mais te diz...” – traz um questionamento sobre a etnografia e, conseqüentemente, a representação do outro nas obras em estudo, destacando suas diferenças. Tendo em conta as

³ Termo usado por Ruy Duarte de Carvalho: “Terá sido pois evitando também escolhos desta ordem que acabei por me ver, de há uns anos a esta parte, a escrever também uma espécie de ficção, ou uma **meia-ficção**” (CARVALHO, R., 2008a, p. 19).

⁴ A autora delimita três momentos em que o Naturalismo se manifestou na literatura brasileira e, para cada um desses momentos, ela aponta uma forma de “olhar”.

“interferências e contiguidades”⁵ entre literatura e antropologia, investigamos a configuração da escrita etnográfica no campo literário notando que, ao mesmo tempo que a etnografia surge nas obras de Bernardo Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho, é, paradoxalmente, negada ou boicotada. A partir disso, refletimos sobre a representação do “Outro” nas narrativas – considerado o não-ocidental, no caso de *Os papéis do inglês*, os pastores Kuvale e, no caso de *Nove noites*, os índios Krahô e Trumai. Dessa forma, pensamos de que modo se dá e qual é o efeito do olhar etnográfico na construção da narrativa dos romances escolhidos, bem como as tensões entre o sujeito narrador e o “Outro”.

Por fim, a terceira parte – “Desvendando, vivendo e preservando certos mistérios” – faz-se nas malhas dos mistérios e seus efeitos. Ao analisar as obras de Bernardo Carvalho, Karl Erik Schollhammer (2009) aponta para a metaliteratura, indicando que *Nove noites* se constrói a partir da interação com outras literaturas (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 131). Pensando nisso, esta parte da pesquisa voltou-se para uma análise mais diligente da intertextualidade, paródia e da presença de traços do romance policial. Aqui, investigamos certos elementos do romance policial: tipos de narradores, tipos de personagens e a estrutura narrativa. Pensamos, assim, que o excesso de referências e colagens – remetendo a procedimentos intertextuais – estão imbricados em efeitos de aproveitamento, boicote e subversão do romance policial.

A frase em epígrafe – “*Uma ficção hesitante que, informada pela antropologia, preza o princípio de que ‘mais que o achado vale sempre a busca’*” –, retirada da resenha de Bernardo Carvalho sobre *Os papéis do inglês* chamada *Ficção hesitante*, apreende grande parte do que venho propondo nas escritas em torno da pesquisa. Resgatando a ideia de que quando se fala de outro, também se fala de si, entendemos que, ao dizer sobre *Os papéis*, Bernardo Carvalho também diz sobre sua própria obra, *Nove noites*. Por vias de uma paráfrase da epígrafe, é possível afirmar que os romances de Ruy Duarte de Carvalho e Bernardo Carvalho consistem em ficções hesitantes que se desenvolvem no âmbito da busca, com menos destaque para o achado, para a solução. Dessa maneira, as narrativas se constroem na busca de si, na busca do outro e na busca pela solução do mistério – este último, em *Nove noites*, permanece apenas no campo da busca, enquanto nos *papéis* há certa “resolução”. São narrativas que, sobretudo, moldam-se na e pela ficção, boicotando e perturbando possíveis

⁵ Substantivos adotados por Ruy Duarte de Carvalho na palestra “Literatura e antropologia: possíveis interferências” (2004), ministrada na USP e disponibilizada pela instituição Casa das Áfricas.

revestimentos do real. Obras que se apresentam em progresso, encenando processos de criação, sob o foco narrativo de sujeitos fragmentados que elaboram uma história sobre o outro, mas que é contaminada de si e de “argumentações flutuantes”⁶.

Os dois romances revestem-se de vestimentas falseadas do real, que não passam de ilusão e excesso, perturbando a ordem do texto e da própria ideia de real, promovendo um pacto de leitura, nos termos de Paul de Man (2012), “indecidível”, ambíguo, visto que se faz na e por meio da ficção e da autobiografia, situando-se em um espaço do “entre”. O que nos direciona para o foco narrativo, pois aqueles que narram configuram-se como autores-narradores-personagens por assumirem, concomitantemente, funções de: autores, já que eles criam, investigam, inventam e organizam uma história; narradores, pois contam, em primeira pessoa, acontecimentos tanto da história dos personagens como de suas próprias histórias; e, por fim, assumem funções de personagens ao se ficcionalizarem nas narrativas.

Atentando para teorizações acerca do romance contemporâneo, percebemos as convergências de alguns aspectos literários presentes nos romances de Ruy Duarte de Carvalho e Bernardo Carvalho particulares à autoficção. Além do pacto ambíguo de leitura e do narrador em primeira pessoa, destacam-se, particularmente, a encenação da escrita e o reflexo do autor-narrador na personagem principal. A primeira remete à construção da narrativa a olhos nus, isto é, às vistas do leitor, figurando uma narrativa em progresso. Este recurso permite que o leitor visualize a segunda característica da autoficção destacada, a narrativa especular, conceito proposto por Vicent Collona (2008) para identificar o autor-narrador que se perde e se encontra no outro (personagem), contribuindo para a possível confusão do leitor, o qual se perde entre Perkins e Ruy Duarte de Carvalho, bem como entre Buell Quain e Bernardo Carvalho.

A ficção hesitante é informada pela antropologia, pelo contato e consequente representação do “Outro”, permitindo o surgimento de um narrador-etnográfico. Este que, num primeiro momento, aparenta debruçar-se sobre procedimentos da etnografia, como a apreensão de características e comportamentos das sociedades Kuvale, Krahô e Trumai; todavia, os autores-narradores apenas encenam esse processo para imediatamente o negar – como ocorre em *Nove noites* – ou boicotar – como em *Os papéis do inglês*.

A encenação torna-se uma constante nos romances, de modo que há a encenação da escrita, da etnografia e da narrativa detetivesca. Esta última se dá por meio de mistérios

⁶ Termo usado por Sandro Ornellas (2009) para designar a escrita de Ruy Duarte de Carvalho.

levantados nas narrativas, que desencadeiam uma busca pela razão do suicídio dos antropólogos. No entanto, como indicado em epígrafe por Bernardo Carvalho, o “achado” não possui destaque e não delimita o clímax, visto que *Nove noites* e *Os papéis do inglês* destacam a busca, causando certo desconforto no leitor quanto ao final do trecho. O desconforto do desfecho decorre, sobretudo, devido à preservação dos mistérios. Uma forma de boicote à resolução desses mistérios é a interferência das características do autor-narrador na própria construção do personagem, Perkins e Buell Quain. Os dois romances, portanto, desnudam tanto a construção da narrativa – inserida devido ao caráter autoficcional – quanto a construção da etnografia e da ficção policial, movimentando uma encenação desses três processos. Em se tratando de contiguidades, é percebido como, além da encenação, os movimentos de boicote ressurgem em ambas as obras. Sendo assim, percebe-se o boicote do revestimento de real, ao exibir excessos de intertextos; o boicote da autoficção, por introduzir a investigação de um mistério; o boicote do relato etnográfico, ao negar sua feitura ou ao lançar descomedidas digressões subjetivas que afastam o narrador tanto do fazer etnográfico como da resolução dos mistérios, preservando-os.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bernardo. “A ficção hesitante” (Resenha de *Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho). *Folha de São Paulo*, 06 de jan. 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0601200113.htm>. Acesso em: 20 de maio 2016.

_____. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARVALHO, Ruy Duarte de. “As águas do Capembáua”. In: *Como se o mundo não tivesse Leste*. Lisboa: Cotovia, 2003.

_____. *Literatura e antropologia: possíveis interferências*. Palestra organizada pela *Casa das Áfricas*, São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/xesz3v>. Acesso em: 05 dez. 2017

_____. *A câmara, a escrita e a coisa dita...fitas, textos e palestras*. Lisboa: Edições Cotovia, Lda, 2008a.

_____. *Os papéis do inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. *Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe, antes que haja só o outro... ou pré-manifesto neo-animista* in *Podemos viver sem o outro?*. Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008b.



COLONNA, Vincent. “Tipologia da autoficção”. In NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org). *Ensaio sobre a autoficção*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

FAEDRICH, Anna. “O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea”. *Itinerários*, Araraquara, n 40, p. 45-60, jan/jun, 2015.

GALVÃO, Henrique. “O branco que odiava as brancas”. In: *Em terra de pretos*. Lisboa: Aillaud & Bertrand, 1929.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a Internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MAN, Paul de. « Autobiography as de-facement ». MLN, v. 94, n° 5, *Comparative Literature*, dez. 1979, pp. 919-30. « Autobiografia como des-figuração ». Trad. Joca Wolf. Revisão de Idelber Avelar. Sopro 71. Maio de 2012. Disponível em: www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/autobiografia.html#V8MrvNQLQA. Acesso em: 28 de Ago. 2017.

MELO, Alfredo Cesar. “Por um comparativismo do pobre: notas para um programa de estudos”. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.23, 2013.

MORAES, A.M.R. “Discurso etnográfico e representação na ficção africana de língua portuguesa: notas sobre a recepção crítica de Mia Couto e o projeto literário de Ruy Duarte de Carvalho”. *Revista Via Atlântica* (USP), v. 16, p. 173-194, 2009.

ORNELLAS, Sandro. “Ruy Duarte de Carvalho em transumância pelos discursos”. *Revista Eutomia* Ano II – nº03, v. 1, Jul./2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.